



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8333 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT17 - Filosofia da Educação

AS PALAVRAS IMPORTAM: heterotopia, linguagem e similitudes

Núbia Pereira Paiva - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

AS PALAVRAS IMPORTAM: heterotopia, linguagem e similitudes

Esse texto traz os resultados preliminares de uma pesquisa analítica sobre a linguagem “bolsonarista” compreendida em torno das falas do atual Presidente da República do Brasil e a ressonância destas na segregação dos grupos e agravo à numerosa diversidade de que são formadas as identidades brasileiras. A investigação consiste numa análise a partir dos estudos de Foucault (2000) sobre o conceito de heterotopia, a classificação expressa na linguagem, distorção no uso das palavras em detrimentos da sua origem e sentido, e por último as *similitudes* como ato de resistência, que agrupam seres, ideias e sentimentos.

Apesar da constituição multiétnica e da diversidade cultural, numerosas paridades formam camadas que nos tornam semelhantes e apontam critérios de identificações e pertencimentos como brasileiros: a língua, a música, o tal “jeitinho brasileiro” imbricado através da literatura para romantizar com uma alcunha de malandragem os pequenos delitos do cotidiano, poderiam ser citados. E, de modo especial, algo que nos torna mundialmente conhecidos, o futebol.

Na semana que escrevo esse texto somam-se mais de 130 mil mortos pelo Covid19 no Brasil. Os jogos de futebol retomaram há mais de dois meses os campeonatos, em meio a Pandemia. Os times do Rio retornaram aos campos no dia 18 de junho, no mesmo dia em que o estado registrou 279^[1] óbitos, Botafogo e Fluminense seguiram protestando “Protocolo bom é o que respeita vidas”.

Etimologicamente a palavra crise acomoda-se à ideia de algo passageiro, algo momentâneo, no entanto, desde a década de 1980 quando o neoliberalismo se impõe como a versão dominante do capitalismo que o mundo vive em crise. “Quando a crise é passageira ela deve ser explicada pelos fatores que a provocam. Mas quando se torna permanente, a crise transforma-se na causa que explica todo o resto” (SANTOS, p. 05, 2020). É neste contexto de aviltamento que nossos governos já se encontravam há décadas, justificando a concentração de riquezas, os ataques às nossas reservas naturais, e boicotando medidas que poderiam, neste momento, servir de atenuo para nossas condições objetivas e subjetivas. Conforme Santos (2020) muitos países estavam mais bem preparados para enfrentar uma pandemia a vinte anos

atrás, do que estão hoje. Enquanto isso no Brasil, temos um presidente que é um atentado à saúde pública sozinho.

Quando o Presidente da República diz coisas como o “poder popular não precisa mais de intermediação”, “eu sou a Constituição”. Quando um presidente tem práticas de perseguição à imprensa, cada vez mais agredida – inclusive de forma direta – por seus apoiadores; Quando um de seus filhos, que já havia sugerido o fechamento do STF, ameaça uma “ruptura institucional” após decisão da Suprema Corte; Quando são mais do que substancial os indícios de intromissão política em órgãos de controle, é preciso considerar que falar sobre a crise democrática se faz necessário sob uma exigência epistemológica para a caracterização de um conceito, não só como um jogo de palavras, mas porque as palavras importam. (Labô, 2020)

As palavras importam e revelam uma gramática que dita o texto de uma série trash, com um encadeamento de episódios desconectados da realidade de uma nação que enterra seus mortos enquanto tenta sobreviver. Exibem cenários e descortina um brasileiro que, vestido com os valores da “família” confidencia a face de uma prática política fundamentalmente conservadora, que se identifica com políticas de austeridade ou anti trabalhistas, e se destaca como um núcleo ideológico religioso de defesa do projeto cristofascista e cria, paralelo a este ideal um conjunto de princípios que regem o funcionamento do que parece ser uma nova gramática, e que é replicada por um grande número de seguidores do presidente da república. Parece nascer um dialeto bolsonarista oriundo de máximas replicadas, que trazem o “homem de bem”, o “bandido bom é bandido morto”, “o erro da ditadura foi torturar e não matar”, “através do voto você não vai mudar nada neste país”.

Uma recente coletânea organizada por (Frigotto & Ciavatta, 2003), analisa as últimas décadas marcadas por agudas mudanças no campo econômico, sociocultural, ético-político, ideológico e teórico no plano mais profundo da materialidade das relações sociais que se encontra no sistema capitalista. Neste âmbito interessa-nos destacar o plano ideológico e estrutural no qual produz-se fundamentos que constituem, para Bourdieu & Wacquant (2002), uma espécie de uma “nova língua” onde as palavras se instauram veiculadas por ideais que tendem “a ocultar as condições e os significados originais”, com especulações e definições prévias que carregam uma boa dose de conchavo entre a fé cristã e o pensamento racional.

Há um efeito na circulação internacional de ideias que vem compondo esse vocabulário da extrema direita. Pereira (2020) analisa esse fenômeno no Brasil como uma nova “língua bolsonarista”, onde concepções democráticas vão sendo desfiguradas e “palavras distorcidas, a exemplo da “novolingua” criada pelo escritor inglês George Orwell na novela 1984, na qual o autoritarismo muda o sentido das palavras para melhor acomoda-las a seus interesses”. A análise de George Orwel se situa no contexto de governos totalitários socialistas, na opinião do autor a extrema esquerda, portanto, não usa armas tão distantes das usadas pela extrema direita para distorcer dados a seu favor.

Algo que difere o atual governo de qualquer outro, é este caráter provinciano, deliberadamente deselegante, rudimentar e cínica com que o atual presidente do Brasil comunica seu “jeitinho brasileiro”. Há uma malandragem nada engraçada diante a ‘implantação de um regime familiar-miliciano-militar à revelia do Estado de Direito’, que segue, torcendo sempre que conveniente o sentido das palavras para tentar mudar a realidade, como a declaração do presidente Jair Bolsonaro de que nunca proferiu o nome da “Polícia Federal” na famosa reunião ministerial em que foi acusado pelo ex-ministro Sergio Moro de tê-lo ameaçado de demissão. Ele disse PF.

As palavras e como elas são usadas podem mudar tudo. Pela palavra *história* será narrada a pandemia no Brasil, e como 2020 mudou a vida do mundo inteiro. Aproximamos-nos mais

dos quais nos identificamos neste tempo. Um extremismo cresceu e parecemos cada vez mais distantes e diferentes. Uma interação virtual cresceu e parecemos tão próximos e parecidos. O contato físico cessou e parecemos tão longe, mas tão presentes.

AS PALAVRAS, AS APROXIMAÇÕES E OS DISTANCIAMENTOS.

Inspirado pelos desvios da literatura, Foucault(2000) inicia sua obra “As palavras e as coisas” com a escrita de um prefácio em tom divertido descrevendo um trecho de um livro de Borges. Esse texto cita

uma certa enciclopédia chinesa” onde será escrito que “os animais se dividem em: a) pertencentes ao imperador, b) embalsamados, c) domesticados, d) leitões, e) sereias, f) fabulosos, g) cães em liberdade, h) incluídos na presente classificação, i) que se agitam como loucos, j) inumeráveis, k) desenhados com um pincel muito fino de pêlo de camelo, l) et cetera, m) que acabam de quebrar a bilha, n) que de longe parecem moscas.

Uma classificação que “perturba todas as familiaridades do pensamento”, e diante do espanto deslumbrado de uma impensável taxinomia “nos é indicado como o encanto exótico de um outro pensamento, é o limite do nosso”, ou talvez o limite da nossa língua.

Conforme Foucault (2000) os códigos de uma cultura estão afixados logo na entrada para cada homem, regendo nossas linguagens, nossos costumes, nossas técnicas e práticas. Do lado extremo o pensamento científico e as explicações filosóficas explicam os princípios e os ordenamentos das coisas. Entre um extremo e outro nos afastamos dos códigos e encontramos coisas que “despreendem de seus poderes imediatos”, despreendem-se da autocracia da linguagem, de sua classificação, e podemos perceber que as ordens postas podem não ser as mais aconselháveis, nem as melhores. Que há outros seres ou coisas que são ordenáveis por si, que “liberam a ordem do seu ser mesmo”, e se encontram na contracorrente da linguagem, menos sólidas, menos arcaica, mais duvidosa, mais difícil de analisar e menos utópica.

Talvez só estejamos presentes mesmo fora da classificação determinada por essa linguagem. Quem de nós não está também misturado aos animais fabulosos, aos monstros, dragões, gigantes e fada quando se ouve uma história? É fora da classificação puramente racional que nos arrepiamos, que temos medos inexplicáveis e alegrias sorrateiras, que somos mais que agrupados, identificados, categorizados como homem/mulher, esquerda/direita, mãe/filha, professor/aluno. É neste lugar ou “não lugar” que nos misturamos em presença, quando desencaixamos da classificação. Quando desviamos da utopia da unidade e tomamos para nosso olhar de interesse a heterotopia das gentes e seus espaços.

A palavra heterotopia é composta do prefixo heteros que tem origem do grego e significa o diferente e está ligada a palavra alter (o outro). Já a palavra topia significa lugar, espaço. Em outra obra de Michel Foucault, “Outros Espaços, Heterotopia”, ele engendra o conceito de heterotopia demarcando-o como o espaço do outro que foi ignorado. Algo que para o autor se instalou como cultura ocidental, e que neste espaço faço alegoria com o comportamento casual do jeitinho brasileiro, que com uma lábia encoberta de civismo e conchavos, desconsidera o lugar do outro e age ilegalmente e de maneira antiética em benefício próprio ou de um grupo específico.

Neste exercício de angariar privilégios a atualíssima classe política brasileira segue ignorando os poucos avanços nos debates em torno da grande diversidade cultural e religiosa que compõe nosso povo e tenta uma categorização abreviada de sua gente, a exemplo de uma fala de Bolsonaro em 2017, em um discurso feito na Paraíba, gravado em vídeo e publicado no

YouTube por seus apoiadores, “Somos um país cristão. Não existe essa historinha de Estado laico, não. O Estado é cristão. Vamos fazer o Brasil para as majorias. As minorias têm que se curvar às majorias. As minorias se adequam ou simplesmente desaparecem”. Foi em busca da unicidade, da seriação dos próximos, que a racionalização afastou o diferente, a multiplicidade.

São especialmente nos contextos de ação em benefício próprio que os sentidos e a ancestralidade das palavras é roubada pela conveniência, pelo mau-caratismo, pela leitura enviesada do mundo, pelos desejos de projetar mesquinhez pessoal em processo coletivo. Cria-se a utopia de um país exemplarmente cristão e conservador, paralelo a um efervescer de debates sobre religiosidades e a liberdade sexual. Neste contexto político, por não querer, por não entender, por não aceitar o diferente, as “palavras e as coisas” estabelecem uma longínqua relação: feminista é vadia, artista é “viado” e professor é vagabundo. Há uma constante utopia de enquadramento dos sujeitos que não se sujeitam, há uma tentativa de encaixe nas caixas, cada um em seu lugar, por que

as utopias consolam: é que, se elas não têm lugar real, desabrocham, contudo, num espaço maravilhoso e liso; abrem cidades com vastas avenidas, jardins bem plantados, regiões fáceis, ainda que o acesso a elas seja quimérico. As heterotopias inquietam, sem dúvida porque solapam secretamente a linguagem, porque impedem de nomear isto e aquilo, porque fracionam os nomes comuns ou os emaranham, porque arruínam de antemão a “sintaxe”, e não somente aquela que constrói as frases — aquela, menos manifesta, que autoriza “manter juntos” (ao lado e em frente umas das outras) as palavras e as coisas. (FOUCAULT, 2000. p.13)

Para falar sobre esse dessemelhante e o emaranhado de comuns que nos aproxima, Foucault nos apresenta a semântica das similitudes que articulam o saber com a semelhança, disserta sobre as 04 similitudes que, de alguma maneira explica nossos agrupamentos, ou o agrupamento de ideias, sensações, sentimentos. Interpretar seres vivos não é mais fácil que interpretar textos. No texto as palavras te guiam na direção de uma ideia, nos seres vivos, mesmo no uso certo das palavras, há uma composição que requer proximidade para o entendimento da mensagem na natureza das coisas, no corpo, na voz, nos gestos, no tom.

“Até o fim do século XVI, a semelhança desempenhou um papel construtor no saber da cultura ocidental”, foi a semelhança responsável em parte pela explanação e a interpretação dos textos, “que organizou o jogo dos símbolos” possibilitando o “conhecimento das coisas visíveis e invisíveis” (Foucault, 2000, p22). A primeira similitude pensada por Foucault (2000) é a *conveniência*, que diz da semelhança de lugar, o lugar onde a natureza colocou as duas coisas. O cactus e o sertão, a doença e a cura, a alma e o corpo. São convenientes as coisas, que na proximidade, se emparelham, juntam-se, engatam-se, “tocam-se nas bordas, suas franjas se misturam, a extremidade de uma designa o começo da outra. (Foucault, 2000 p23)”. O lugar e a similitude se amontoam, plantas trepam umas nas outras, limos cobrem de verde rochas e conchas, a terra caleja mãos e o sol marca rostos com o tempo. “Assim, pelo encadeamento da semelhança e do espaço, pela força dessa conveniência que avizinha o semelhante e assimila os próximos, o mundo constitui cadeia consigo mesmo”. (Foucault, 2000 p. 25)

A segunda forma da similitude é a *emulação*, uma semelhança que se aproxima das

comunidades virtuais que vivemos hoje, das semelhanças que encontramos de maneira desterritorializada, consonâncias onde um corpo no sertão se afina com outro que se encontra perto do mar, “é uma espécie de conveniência, mas que fosse liberada da lei do lugar e atuasse imóvel, na distância” (Foucault, 2000. p25). Circunscrevendo nossa conjuntura atual, a necessidade de um lugar costumeiro torna-se virtual e os comuns produzem “círculos” numa distância física que não impede a proximidade. Foucault vai chamar essa relação de *emulação*, que pode converter-se em antagonismo, competição, ou incentivo, impulso, estímulo, e que “por sua reduplicação em espelho, o mundo abole a distância que lhe é própria”, na emulação a identificação sobressai sobre o lugar, e o reflexo longínquo, como se fosse uma “germinação natural das coisas” acontece.

A *analogia* é a terceira similitude, ela se sobrepõe à *conveniência* e à *emulação*. “Seu poder é imenso, pois as similitudes que executa não são aquelas visíveis, maciças, das próprias coisas; basta serem as semelhanças mais sutis das relações” (Foucault 2000, p29). Sem explicações relacionadas ao ambiente, a analogia é composta de uma série de parentescos que transpõem o espaço, “a relação, por exemplo, dos astros com o céu onde cintilam, reencontra-se igualmente: na da erva com a terra, dos seres vivos com o globo onde habitam, dos minerais e dos diamantes” (Foucault 2000, p29), da relação de influencia da lua sobre o crescimento das plantas e dos nossos cabelos. E o corpo humano adoecido faz analogia com o corpo do mundo.

A *simpatia* é a quarta e última similitude analisada por Foucault (2000). Para o filósofo no jogo das simpatias “nenhum caminho é de antemão determinado, nenhuma distância é suposta, nenhum encadeamento prescrito. A simpatia atua em estado livre nas profundezas do mundo” (31), ela pode nascer de um só contato, mas atrai para si o que lhe é assimilável, tem o grande poder de incorporar, de misturar, e por vez desaparecer uma individualidade. “A simpatia transforma” na direção do idêntico, um capim cidreira plantado ao lado de uma citronela adquire o cheiro desta. Se não houvesse o poder de contrabalanceio da antipatia, pela simpatia o mundo seria uma cadeia de “coisas” que se comunica entre si, de canto a canto, de ponto a ponto, um único imã encadeando todas as matérias presentes. A antipatia nos isola, desprende, destaca, separa. A murta não pode ser plantada próxima às plantas frutíferas, a algaroba não deixa que nada cresça embaixo da sua copa, “a identidade das coisas, o fato de que possam assemelhar-se a outras e aproximar-se delas, sem, contudo, se dissiparem, preservando sua singularidade, é o contrabalançar constante da simpatia e da antipatia que o garante” (Foucault, 2000, p33).

Ainda segundo Foucault a partir do século XIX a relação clássica de coerência entre as teorias da representação e a linguagem desvanece-se, e pela profunda análise da historicidade das coisas isola-as em suas consonâncias próprias. A linguagem e as pessoas caminham juntas, e quando a linguagem se isola em suas conformidades próprias ou mesmo distorcidas, e os animais fabulosos deixam definitivamente de serem listados junto aos domésticos, aos selvagens, perdemos um pouco da criação, da capacidade de entender as afinidades das misturas. Quando as pessoas são classificadas definitivamente ou isoladas em separado por idade, religião, sexualidade, lados partidários e em distintos contextos desprovidas de direitos, sem haver a possibilidade de respeito a este deslocamento, a esta heterotopia, as pessoas também se segregam em suas conformidades próprias, e se destacam, os “nós” e os “outros”.

Nossa resistência à classificação, ao separatismo, nossa resistência à transmutação da palavra em benefício próprio tem sido a própria palavra, a permanência do braço para cima, da reivindicação da minha fala, pois, apesar do “lugar de fala” ter se tornado eventualmente uma confusa e autoritária bandeira, acredito assim como Freire, que quem fala pelo outro, quase

sempre para contra o outro. Nossa resistência tem sido conviver e condecorar nossas complexidades tem sido nos juntar aos “nossos”, já que criaram/criamos os “outros”. Tem sido encontrar nossas afinidades, nossas “similitudes”, nossos pares, para convivermos minimamente e mentalmente saudáveis em meio a uma pandemia.

A resistência tem sido viver, encontrando um “mundo novo” dentro do isolamento social. Um mundo novo, conectado e dependente da fibra ótica para nos manter ligados ao externo numa *emulação* cheia de possibilidades; Um mundo novo no quintal, estabelecendo relações outras com a terra, com a horta, com as flores, e as diversas simpatias que encontramos nesta relação com a natureza. E, nesta “vasta sintaxe do mundo, os diferentes seres se ajustam uns aos outros; a planta comunica com o animal, a terra com o mar, o homem com tudo o que o cerca.” (Foucault, 2000. p24). As semelhanças, os gostos, e o Covid 19 nos impuseram proximidades, nos propõem cuidados com nosso lugar, com nossa moradia, e vizinhanças que talvez não vivêssemos fora da pandemia. E olhando de perto, vemos que o lugar e a pessoa se justapõem se misturam e se confundem.

É possível concluir que os diferentes seres se ajustam independente de sua costumeira classificação e são nas crises e nas insurgências que semelhantes se reconhecem, e pela palavra conquistam o poder da resistência.

Palavras-chave: *Heterotopia; linguagem; política.*

Referências

BOURDIEU, Pierre & WACQUANT, Loic. **A nova bíblia do Tio Sam**. In: CATTANI, Alfredo (org.) Fórum Social Mundial – A construção de um mundo melhor. Petrópolis, 2001.

FOUCAULT, Michael. **As palavras e as coisas**. Ed. Martins Fontes. São Paulo, 2000.

GAUDÊNCIO & CIAVATTA, Frigotto e Maria. **Educar o trabalhador cidadão produtivo ou o ser humano emancipado?** Trabalho, Educação e Saúde, 1(1):45-60, 2003. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/tes/v1n1/05.pdf>. Acessado em 23/08/2020.

LABÔ. Laboratório de Política Contemporânea e Mídia. Bolsonarismo: o novo fascismo brasileiro. Disponível em <https://offlattes.com/archives/2975>. Acessado em 23 de agosto/2020.

PEREIRA, Marvel. **Novilingua bolsonarista**. Disponível em <http://www.fundacaoastrojildo.com.br/2015/2020/05/17/merval-pereira-novilingua-bolsonarista/>. Acessando em 20 de agosto/2020

SOUSA. Santos B. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.